

B e l o H o r i z o n t e  
Agosto de 1996  
“Seqüestradora”: Rivane Neuenschwander

O chão estava frio; a chapa ovalada de ferro que me servia de encosto estava fria e imóvel. Fecharam uma corrente na altura de minha barriga. Tudo estava parado, como se algo estivesse prestes a acontecer. Era um momento parado, um momento grave. Desses momentos que precedem terremotos, declarações de amor, despedidas. Foi o tempo de encher o peito de ar e o chão começou a se movimentar sob meus pés. Para a direita, girando cada vez mais rápido. Uma forte pressão de ar fez com que meu corpo se colasse à parede de ferro como um ímã. Eu não precisava mais ter as mãos agarradas à corrente. Sentia-me como que a extensão daquela chapa fria, uma protuberância, um calo, um enfisema. Era como se eu fizesse parte daquela coisa. Ela ditava o movimento, tomava de meu cérebro as funções de movimento. Eu estava agarrado na parede daquela coisa como uma pedra dentro de um tornado, um cisco em um buraco negro ou olhos em uma parede branca. Minha vida girando ao revés, voltando, voltando... uma centrífuga de imagens remotas, o liquidificador das batatas da minha infância. Minhas mãos diminuindo, meus pés sobrando dentro dos sapatos, espinhas pipocando em minha face, a escola, o parque de diversões atrás da escola, uma parede branca ao lado de um quadro negro... e finalmente uma criança, uma criança que era eu e que sempre me visita em mo(vi)mentos circulares até chegar a um ponto imaginário numa parede branca de uma sala de aula.

O eventual castigo aplicado pelo professor de matemática era ficar olhando fixamente para um ponto imaginário numa parede branca. Olhar fixamente para um ponto imaginário em uma parede branca fazia não só com que esse ponto se apresentasse como real como fazia com que eu, parado, começasse a andar na direção daquele ponto. A fantástica sensação da impossibilidade de chegar! A sensação de

como aprendi a gostar de ficar olhando para aquela parede branca. Da náusea inicial seguida do esforço de ficar livre da voz do professor e, finalmente, da imersão num mundo sem forma, sem limites e sem pensamento. De como essa criança conseguiu então entender a noção de infinito, tantas vezes inutilmente pronunciada pelo professor de matemática. Um ponto inexistente em uma parede branca me ensinou mais do que todos os professores de matemática do mundo. O zero das coisas, o vazio nas coisas, o olhar fixo esvaziando as coisas, o olhar perdido e as coisas.

Quando a criança se foi eu abri a boca e nenhuma palavra saiu de mim. Pensei, por alguma razão, que este exercício esquizofrênico de ser “seqüestrado” era uma tentativa persuasiva de acelerar um processo natural de envelhecimento paralelo a uma certa infantilização. A máquina girava e dentro de mim tudo girava com ela. Por um momento me senti um idiota e ao mesmo tempo a pessoa mais feliz do mundo. Até a máquina começar a ativar seus freios e, junto a eles, os freios internos desta estranha máquina que existe dentro de mim.

Voltei a ser triste e menos idiota. Tenho de novo minhas pernas inteiras dentro de minhas calças e meus pés sofrem humildemente por serem grandes. Tudo ficou ali dentro dessa coisa de que agora já não faço mais parte. Essa coisa que me rodeia e me faz girar.

Um dia um ponto imaginário esteve diante de meus olhos. Hoje ele é real e me olha por trás.